



UM RIO *balzaquiano*

Os dias no Rio têm amanhado com um certo ar de mistério, empoderados, maduros, lindos, absolutamente reais. Bem capaz de ser uma forma de homenagear Honoré de Balzac, quando se completam 175 anos desde que nos deixou em 18 de agosto de 1850 a caminho de Aruanda.

Alvoreceres balzaquianos, um “Le Lys dans la vallée” orvalhado. Em busca, quem sabe, das “Illusions perdues”, ou, talvez, da “La Recherche de l’absolu”.

O fato é que, para homenageá-lo, a natureza, sutilmente, elegantemente, encantadoramente, tal qual “La Femme de trente ans”, pediu que viessem as fragatas em seu balé. Já não mais um ensaio, mas a apresentação de estreia para uma plateia absolutamente seleta. Vieram acompanhadas pelos urubus-rei e de alguns gaviões-carijó. Numa coreografia integrativa,

bailaram, bailaram, bailaram sobretudo, creio eu, para esquecerem “La comédie humaine” destes tempos trevosos nos quais vivemos atualmente. Como é cruel bailar assim.

Com açúcar e muito afeto seguiram bailando pela amplidão. Num instante de ilusão, voaram, bailaram na fumaça de um mundo novo, fazem um novo mundo na fumaça.

Os irmãos Valle trautearam na voz de Cláudia: “Não confie em ninguém com mais de trinta anos / Não confie em ninguém com mais de trinta cruzeiros / O professor – Pasquale e seus auxílios luxuosos – tem mais de trinta conselhos / Mas ele tem mais de trinta, oh mais de trinta/Oh mais de trinta, oh mais de trinta...”

Foram retrucados por Milton em versos de Luiz Antônio: “...No meu olhar, na minha voz / Um novo mundo, sinta! / É bom sonhar, sonhemos nós / Eu e você, Mulher de Trinta / Amanhã, sempre vem! / E o

amanhã pode trazer alguém!”

O Sol, saiu tímido através da cumulus. Ensaçou um breve malabarismo nas encostas das montanhas arariboianas, tingiu o céu em tons magenta-alaranjados-dourados e se recolheu com vergonha do bailado tão belo e da sutilidade das cariocas com mais de trinta coloridas pelo sol, doiradas pelos reflexos marinhos ou simplesmente desfilantes em suas elegâncias sinceras.

Não se sabe ao certo se o Astro-Rei se esconde entre as nuvens por tantos descabros que se tem assistido de misoginia, machismo, intolerância, etarismo e misoginia, encimado no éter ou se envergonhado com a beleza sutil e discreta, um breve sussurrar, tão bom perfume da mulher de 30, de 40, de 50, de 60...

Aliás, lugar de mulher é onde ela quiser estar, onde ela se empoderar e, sobretudo, onde ela é simplesmente mulher.

